

A PRODUÇÃO DE TEXTOS ARGUMENTATIVOS NO ENSINO FUNDAMENTAL – REFLEXÃO E PROPOSTA

Adriana Barcelos de Souza (UERJ)

dricabrj@yahoo.com.br

Adriana Leite Moreira (UERJ)

adrianaliteral@gmail.com

Ana Lúcia da Silva (UERJ)

analucs7@hotmail.com

1. Introdução

Este artigo pretende discutir o conceito de gênero textual e refletir sobre a maneira que os livros didáticos do Ensino Fundamental (EF) têm, ao longo dos anos, abordado o ensino dos gêneros textuais e suas propostas de produção argumentativa.

A motivação desse trabalho está no fato de os *Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa* (PCN) de 1998 sugerirem que “a noção de gênero, constitutiva do texto, precisa ser tomada como objeto de ensino” o que nos levou a verificar como os livros didáticos, recomendados pelo MEC, tratam os diferentes gêneros e a refletir no papel do professor ao propor uma produção argumentativa.

Considerando a importância desse assunto, desenvolvemos uma pesquisa com alunos do 9º ano do EF de uma escola particular de Belford Roxo – RJ que envolveu a elaboração de texto argumentativo através de pesquisa e reflexão sobre um tema proposto. O objetivo foi investigar se o envolvimento e o conhecimento sobre o assunto favorecem a produção textual dos alunos com a presença de argumentos e defesa de opinião pessoal.

A primeira parte deste trabalho apresentará o conceito de gênero, ancorada em autores que abordam o ensino da produção textual como Bakhtin, Dolz e Schneuwly, Maingueneau e Geraldí. A segunda, a proposta dos PCNs voltada para a prática de produção de textos. A terceira, transcreverá a forma como os livros didáticos (os selecionados para a pesquisa) propõem a construção de textos argu-

mentativos. A quarta e a mais importante etapa apresentará dados da pesquisa realizada com os sujeitos do estudo.

2. *Gênero: um breve conceito*

Consta no *Dicionário de Análise do Discurso* de Charaudeau e Maingueneau p. 249, a seguinte definição para gênero:

A noção de gênero remonta à antiguidade. Volta-se a encontrá-la na tradição da crítica literária que assim classifica as produções escritas segundo certas características; no uso corrente, no qual ela é meio para o indivíduo localizar-se no conjunto das produções textuais [...].

Para Bakhtin (2000, p. 279-280): “Gêneros são tipos relativamente estáveis de enunciados”, e argumenta que dentro de uma dada situação linguística o falante / ouvinte produz uma estrutura comunicativa que se configurará em formas-padrão relativamente estáveis de um enunciado, pois são formas marcadas a partir de contextos sociais e históricos. Sendo assim, sujeitos a alterações em sua estrutura, em função das intenções comunicativas, do contexto de produção e dos falantes / ouvintes que produzem, os quais atribuem sentidos a determinado discurso.

Dolz e Schneuwly (2004) entendem que são os gêneros que organizam os textos impostos ao longo da história e são tidos como modelos e “megainstrumentos” necessários às atividades de escrita e leitura.

De acordo com Maingueneau, (2008, p. 61), “Todo texto pertence a uma categoria de discurso, a um *gênero de discurso*”. Alguns autores empregam os dois termos, *tipos e gêneros do discurso*, indiferentemente, a tendência atual é discerni-los: gêneros do discurso pertencem a diversos tipos de discursos associados aos vastos setores de atividade social. Ele nos dá o exemplo do “talk show”, que constitui um gênero de discurso no interior do tipo de discurso “televisivo” que, por sua vez, faz parte de um conjunto mais vasto, o tipo de discurso “midiático”, em que figurariam também o tipo de discurso radiofônico e o da imprensa escrita.

3. *Pcns: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental – língua portuguesa*

Citaremos somente os trechos considerados relevantes à pesquisa em questão:

Os textos organizam-se sempre dentro de certas restrições de natureza temática, composicional e estilística, que os caracterizam como pertencentes a este ou aquele gênero. Desse modo, a noção de gênero, constitutiva do texto, precisa ser tomada como objeto de ensino. (PCN, 1998, p. 22)

Seguindo:

Sem negar a importância dos textos que respondem a exigências das situações privadas de interlocução, em função dos compromissos de assegurar ao aluno o exercício pleno da cidadania, é preciso que as situações escolares de ensino de Língua Portuguesa priorizem os textos que caracterizam os usos públicos da linguagem¹. (1998, p. 24)

O propósito é que os textos selecionados, por suas características e usos, possam auxiliar o aluno a desenvolver o senso crítico, ampliar o conhecimento de mundo, conhecer a diversidade artística da linguagem, desenvolver a capacidade discursiva, trabalhar a ética e a moral. Consequentemente, fazer parte da sociedade letrada e instruída.

Para finalizar esta parte, ciente de que há muito mais a ser explorado a respeito deste assunto, citaremos o trecho dos PCN (1998, p. 57-59) referente à “Prática de produção de textos orais e escritos”: “Antes dos conteúdos referentes à prática de textos orais e escritos, será apresentada a tabela que organiza os gêneros privilegiados para o trabalho”. Sugerem os gêneros para a prática de produção de textos orais e escritos.

São eles (citados na tabela): os gêneros “Literários (crônica, conto, poema); de imprensa (notícia, artigo, carta do leitor, entrevista) e de divulgação científica (relatório de experiências, esquema de resumos de artigo ou verbetes de enciclopédia)”.

¹ Usos públicos de linguagem são aqueles que implicam interlocutores desconhecidos que nem sempre compartilham sistemas de referência, em que as interações normalmente ocorrem a distância (no tempo e no espaço) e em que há o privilégio da modalidade escrita de linguagem. (PCN)

No ato da produção dos textos escritos, foco da nossa pesquisa, apresentam outros pré-requisitos que devem ser levados em conta, entre eles a:

* redação de textos considerando suas condições de produção: finalidade, especificidade do gênero, lugares preferências de circulação, e interlocutor eleito;

* utilização de procedimentos diferenciados para a elaboração do texto: estabelecimento de um tema, levantamento de ideias e dados, planejamento, rascunho, revisão - com intervenção do professor -, versão final;

* utilização de mecanismos discursivos e linguísticos de coerência e coesão textuais, conforme o gênero e os propósitos do texto, desenvolvendo diferentes critérios: de manutenção da continuidade do tema e ordenação de suas partes;

* utilização dos padrões da escrita em função do projeto textual e das condições de produção.

4. Livros didáticos: ensino fundamental – 9º ano

Nessa parte do trabalho lançaremos mão de cinco livros didáticos, recomendados pelo MEC e comprometidos com os preceitos dos PCN, tendo como critério de escolha a utilização de publicações, editoras e autores diferentes, com objetivo de enfocar a proposta de produção de textos argumentativos seguidos dos gêneros para uma breve análise. Para tanto, relacionaremos os livros didáticos em ordem cronológica:

– *Português: Linguagens* de Willian Roberto Cereja e Thereza Cochar Magalhães, publicado em 1998, da Atual Editora. A primeira proposta de produção de texto argumentativo segue sob o título: “Preparando a argumentação: o senso comum”. Após tecer comentários sobre o que consiste o tema, “o senso comum”, expõem a crônica “O povo” com o mesmo conteúdo temático; em seguida disponibiliza nove grupos sociais dos quais o aluno deve escolher um para produzir uma crônica “como fez o cronista” (p. 108-109)

– *Oficina de Textos: Leitura e Redação*, de Rosa Cuba Riche e Denise M. Souza, publicado em 1999 pela editora Saraiva. A primeira proposta de produção de texto argumentativo está na unidade 2, capítulo 1, sob o título: “Construindo o texto”, antes, porém, apre-

senta “diferentes modos de organização do texto: narração, descrição e dissertação/argumentação”. Na sequência cita: “um exemplo típico de dissertação”, “etapas da construção de parágrafos – introdução desenvolvimento e conclusão”, para a produção do texto argumentativo. A base é uma propaganda sobre o tema carnaval, álcool e direção mais o conteúdo do art.165 da lei 9.503/97. Por fim, de maneira engessada, apresenta um quadro indicando cada etapa de construção de parágrafos, inclusive o número de linhas, para que o aluno siga o modelo no ato da produção. (p. 46-57)

– *A Palavra É Sua*, de Maria Helena e Celso Pedro Luft, publicado em 2000 pela Editora Scipione. A primeira proposta de “dissertação” é para ser feita em dupla e apresenta a crônica “O rock e a cabra”. Em seguida pede “uma dissertação defendendo ou criticando a opinião do autor sobre o rock.”, cita o significado do verbo dissertar “é fazer comentários críticos sobre um assunto: é expor, por escrito ou oralmente, ideias e opiniões a respeito de um tema.”, apresenta o roteiro com sete sugestões para ser lido antes de construir o texto dissertativo. (p. 64-65)

– *Português: uma Proposta para o Letramento*, de Magda Soares, publicado em 2002 pela editora Moderna. Antes da proposta de produção de texto, o autor apresenta um artigo de um advogado e professor de direito público sobre um tema polêmico: “A compra de armas pelo cidadão comum deve ser proibida?”, após um debate na sala de aula e a definição da opinião pessoal (sim ou não), propõem o seguinte modelo para escrever o texto: “Apresentação do problema/ Argumentos contrários à sua posição/ Defesa da sua posição/ Conclusão”. Nota-se que a autora se preocupou e valorizou a discussão oral, tanto para dar início a produção do texto escrito quanto à exposição dos mesmos.

– *Coleção Diálogo*, de Eliana Santos Beltrão e Tereza Gordilho, publicado em 2009 pela editora FTD. A nomenclatura “texto argumentativo” não aparece em primeiro plano. A primeira sugestão de produção de um texto é dada a partir da análise comparativa entre uma notícia e uma crônica, com a identificação das características de cada, seguindo para a fase “Isso dá crônica - escrevendo o texto. Nesta etapa, você vai ler outra crônica, analisar suas características e,

a partir de cenas e frases, escolher o tema da sua próxima crônica. Hora de praticar, mais uma vez, o seu lado cronista!” (p. 44-48)

Através da análise das propostas de produção de textos apresentadas nos livros didáticos acima, podemos observar que o educando é um mero repetidor de estruturas linguísticas em situações de comunicação forçadas. As propostas sugeridas por meio de atividades restringem a capacidade de expressão do aluno.

Os modos de produção (organização) de texto - narração, descrição e argumentação/dissertação - são apresentados como fórmulas abstratas em si mesmas, descaracterizadas de seus processos enunciativos. A ausência da noção de gêneros associado aos modos de organização do texto se faz latente.

Seguindo a estrutura proposta no início desse trabalho, a professora Adriana Barcelos de Souza, desenvolveu um trabalho para a produção de texto argumentativo com seus alunos do 9º ano. Cabe o registro do nome do livro didático usado na instituição onde trabalha: *Sucesso sistema de ensino – Língua Portuguesa*, de Hugo Monteiro Ferreira, publicado em 2008 pela editora Prazer de Ler. O livro define dissertação como um texto que defende um ponto de vista e quer convencer alguém; a seguir apresenta um texto argumentativo (Os jovens e a contemporaneidade de Pedro Mendonça Aguiar, escrito especialmente para o livro didático em questão) (p. 182). Apresenta como gênero textual a dissertação, definindo como um texto onde o autor se posiciona a respeito de um tema e diz que esse texto é dividido em 3 partes: introdução, desenvolvimento e conclusão, na sequência aponta “os 10 mandamentos da boa dissertação”² e pede que o aluno escreva um texto dissertativo sob o tema “Juventude nos dias atuais do Brasil” (p. 209). No capítulo seguinte, apresenta como gê-

² Os dez mandamentos da boa dissertação: 1- Amarás o conteúdo sobre todas as coisas; 2- Não utilizarás palavras em vão; 3- Honrarás o tema proposto; 4- Respeitarás as três partes da dissertação (introdução, desenvolvimento, conclusão); 5- Adequarás a linguagem ao contexto da escrita (uma vez que a dissertação é um gênero formal, deve-se utilizar linguagem também formal); 6- Não pecarás contra a lógica; 7- Não roubarás a redação do seu próximo, porém sempre lembrando que todo o texto é constituído de intertextos; 8- Não te levantarás para entregar a redação sem antes releres o texto; 9- Não desejarás usar palavras difíceis que não conheces; 10- Não ousarás escrever sobre o que não sabes.

nero textual um texto de opinião com a mesma definição do gênero dissertação e traz para leitura o texto “Consumo e consumismo” publicado num site de artigos (p. 217-218). Não há mais nenhuma outra proposta de produção.

5. *Pesquisa: uma proposta para produção argumentativa*

Após reflexão teórica sobre o conceito de gênero e a prática de ensino/aprendizagem pelos PCN e livros didáticos, apresentaremos agora a sequência didática e os resultados da pesquisa feita para o ensino da produção de texto argumentativo. Os sujeitos do estudo foram alunos do 9º ano de uma escola particular³ de Belford Roxo, pequeno município da Baixada Fluminense. Os dados da pesquisa são compostos dos trabalhos desses alunos. O trabalho envolveu a produção de um texto de opinião dentro da estrutura argumentativa com base na seguinte temática⁴: *A relação da escravidão e o preconceito racial no Brasil atual* e foi realizado em várias etapas sendo o texto argumentativo a terceira dessas etapas. A sequência didática proposta foi:

1ª etapa – pesquisa histórica sobre a escravidão no Brasil: início e fim, tratamento dos escravos, abolicionistas e escravocratas etc.;

2ª etapa – pesquisa sobre a manifestação artística do tema⁵: apresentação de poemas (Castro Alves), letras de música, quadros, fotografias e notícias que tratam o tema abordado;

3ª etapa – produção de um texto argumentativo sobre a relação da escravidão e o preconceito racial no Brasil atual.

Essa sequência foi anotada no quadro para que os alunos seguissem cada etapa. Não houve maiores explicações e reflexão sobre o tema. Somente foi pedido que a ordem das etapas fosse respeitada.

³ É necessário ressaltar que, apesar de ser uma escola particular, os sujeitos de estudo são de pouca renda, moradores de uma comunidade próxima ao colégio e de maioria negra.

⁴ A escolha do tema é uma proposta de interdisciplinaridade com História e aproveitamento do Dia da Abolição dos Escravos, data escolhida para entrega do trabalho e realização da 4ª etapa do trabalho.

⁵ Essa temática está presente em vários gêneros da nossa cultura.

A proposta foi elaborada dessa maneira com objetivo de obter um texto de opinião mais “puro”, ou seja, mais fiel à opinião do aluno, sem nenhuma interferência de leitura e debate de outros textos apresentados por livro didático ou pelo professor. Coube ao próprio aluno pesquisar e refletir sobre o tema para escrever seu texto.

A partir dessa proposta, a produção textual torna-se um processo de construção. Um trabalho que envolve diferentes etapas, desde a escolha do que se pretende dizer, o conhecimento do assunto (1ª etapa), a seleção de manifestação expressiva (2ª etapa), a reflexão sobre tudo o que se pesquisou e, só a partir disso, a capacitação para expor, através de texto argumentativo, opiniões a respeito do tema (3ª etapa).

Foram analisados dez trabalhos (pesquisa e texto argumentativo) dos quais, devido às especificidades do artigo em questão, selecionamos três para apresentação.

5.1. Trabalho produzido pela aluna 4

1ª etapa:

Estética da Escrita

As falarmos um escravidão, é difícil não nos lembrarmos dos capitães-de-matê que participaram os negros que haviam fugido no Brasil, dos Palmareiros, da dedicação e ideias defendidas pelos abolicionistas e de muitos outros fatores ligados a este assunto.

Um dos principais elementos que determinavam a divisão social no período colonial era o trabalho. Para os portugueses, o trabalho era atribuição de pessoas com condições suficientes.

As vantagens praticadas pelos escravos causaram grandes perdas à produção; os abertos e vendidos eram também práticas comuns que, mais do que suprir, costur a fuga de uma realidade difícil, eram maneiras de fugir e de os escravos perder suas propriedades (os proprietários escravos).

Em virtude das vantagens comerciais proporcionadas pelo tráfico negreiro e da falta de mão-de-obra disponível na

metrópole, cada vez mais a base de produção da cana-de-açúcar concentrava-se no trabalho dos escravos africanos. O vasto fluxo negreiro da escravidão transformava o escravo em mercadoria. O escravo não tinha direitos, uma liberdade de ler e escrever e, na maior parte do tempo, uma condição humana não era reconhecida. Além do trabalho na lavoura e na mineração, faziam o trabalho doméstico; em suma, participavam de todos os processos produtivos.

O comércio negreiro era muito lucrativo. Muitos consideram que na transatlântica do Atlântico, moravam de 15 a 20% das pessoas, ainda assim o resultado sempre para os traficantes era fabuloso. De 200 a 300 africanos eram amontoados nos porões de navios e transportados de volta para a transatlântica, após os trajetos locais tinham vendidos. Transportados pelo Atlântico um conditio voluntários, os escravos não tinham direito à liberdade. Chegando aqui, eram vendidos no mercado para serem examinados como animais. Muitos escravos tinham de se submeter aos caprichos dos seus donos, sem qualquer direito de serem ou, um particular dos senhores.

Os instrumentos e as práticas de castigo eram variadas; um dos mais comuns era a chicotada com o bacalhau, chicote de cabra costur com tiras de couro

em cupes portáteis, forma pequenas usinas de metal.

O escravo era, ao mesmo tempo, estafeta e pessoa; tinha vontade própria, mas não podia executá-la na forma com trair a vontade de seu senhor.

Outra característica do escravo de quinhentos e seis séculos eram distúrbios de caráter. Todos os que os escravos arrebatavam em venturas ao redor, que em muitos casos, uma das grandes atividades por seus escravos de quinhentos.

2ª Etapa:

Poema de Castro Alves

Adão, meu canto

Adão, meu canto! É a hora da partida...

O escavo do povo vencedor.

Filho da impiedade, irmão do raio,
lança teu quebra-vidas da preceia.

Se um dia envolve um manto de queda
vesta a rosa de amor que além se
virgura...

Que de aviação, ven, anuncia

Não ilandade a parca primavera.

1-1

práticas comuns que, mais do que sepre, ventar o fupo de uma realidade difícil, eram maneiras de fazer e de se de escravos perder suas propriedades (os prisioneiros escravos).

Em virtude das vantagens comerciais proporcionadas pelo tráfico negreiro e da falta de mão-de-obra disponível na



metrópole, cada vez mais a base de produção da cana-de-açúcar concentrou-se no trabalho dos escravos africanos. O tráfico negreiro da escravidão transformou o escravo em mercadoria. O escravo não tinha direitos, era propriedade de seu senhor e, na maior parte do tempo, sua condição humana não era respeitada. Além do trabalho na lavoura e na mineração, faziam o trabalho doméstico; em suma, participavam de todos os processos produtivos.

O comércio negreiro era muito lucrativo. Muitos consideram que na travessia do Atlântico morriam de 15 a 20% das pessoas, ainda assim o resultado sempre mais para os traficantes era fabuloso. De 200 a 400 africanos eram amontoados nos porões de navios e transportados de volta toda a travessia, pois os tripulantes tinham revoltas, transportados pelo Atlântico em condições subumanas, os escravos não tinham direito à liberdade. Chegando aqui, eram vendidos no mercado para serem examinados como animais. Muitos escravos tinham de se submeter aos caprichos variados dos senhores, em particular dos senhores.

Os instrumentos e as práticas de castigos eram variados; um dos mais comuns era a chicotada com o bacalhau, chicote de cabreante com tiras de couro.

*Referência bibliográfica:

www.revista_aguibonem.br e
 livro: História: Uma Abordagem Integrada

#3ª Etapa:

O preconceito racial existente hoje tem
 relação com a escravidão de
 antigamente?

Sim. O preconceito racial tem haver com a escravidão. Na época do Brasil colônia, os negros eram tratados com descaso, eram vistos como animais, pessoas sem qualquer direito à dignidade. Os europeus, fazendo uso de suas armas, atribuíram-se uma superioridade racial e religiosa. A relação social estabelecida era de PODEROSOS x DESFAVORECIDOS, poderosos

que pela força das armas julgavam-se em condições de desconsiderar os direitos dos outros povos. Criou-se uma situação de violência e crueldade contra os negros, que mais tarde (cansados do sofrimento) passaram a lutar por sua liberdade, conquistando-a oficialmente em 13 de maio de 1988 através da Lei Áurea, assinada pela princesa Isabel.

Desde então, muito tempo se passou, porém ainda somos herdeiros de toda situação ocorrida no passado. Ainda são visíveis as marcas do racismo, da crença de que exista uma etnia supe-

ver e outra inferior. Os exemplos disto vão desde a fala aos atos das pessoas, contudo o preconceito começa na mente e aí pode exteriorizar-se ou não.

O preconceito racial pode ser percebido na rejeição de alguém por causa da sua cor da pele, no salário de um negro que ao ocupar o mesmo setor de trabalho que um branco, recebe um salário inferior, palavras pejorativas, quando um negro não pode entrar num prédio pela porta da frente, só pelos fundos, entre outros.

Tudo isso são marcas de uma cultura enraizada na nossa sociedade, e para mudar não bastam apenas leis e discursos cheios de oratória mas sim a conscientização de todos nós, percebendo que já passou da hora de alterarmos o caminho de nossa nação, modificando já nossas atitudes e pensamentos em relação aos nossos próximos. A lei nós já temos, resta-nos agora cumpri-la - Lei n° 7.716, de 5 de Janeiro de 1989.

A aluna 4 seguiu a sequência didática pedida escrevendo na 1ª etapa um resumo do que pesquisou sobre a escravidão no Brasil ressaltando o que ela mesma considerou mais importante: o péssimo tratamento dado aos negros desde a vinda em navios até os castigos a que eram submetidos. Na 2ª etapa, ela reproduziu na íntegra o poema *Adeus meu canto* de Castro Alves que trata da vinda dos negros africanos ao Brasil. Ainda nessa etapa a aluna expõe imagens que retratam o tratamento cruel dado aos negros e ressaltam a diferença entre

brancos e negros. Em seu texto argumentativo, 3ª etapa, a aluna inicia falando da relação entre poderosos (brancos) e desfavorecidos (negros) e do trabalho escravo brasileiro até a abolição em 1988. A partir daí ela afirma que ainda há diferença racial no Brasil expondo alguns exemplos que servem de argumentos para defesa de sua ideia. No último parágrafo ela sugere que o fim desse preconceito é a conscientização de todos, tentando assim convencer o leitor a lutar contra o racismo. Fica claro que a aluna escreveu seu texto de opinião baseado numa reflexão feita através de sua própria pesquisa sobre o assunto.

5.2. Trabalho produzido pela aluna 10

Coconar, 08/01

A escravidão no Brasil ocorreu desde o começo, desde quando o Brasil era colônia de Portugal, e depois no Brasil, pois os negros que vieram para cá, disseram que os índios tinham alma, por tanto não podiam ser explorados, já os negros, não tinham alma, e somente serviam como objetivo de lucro.

Os negros eram pagos a força e expostos aos aflições para o resto do mundo, inclusive no Brasil, para trabalhar nos roçados, eram tratados em ranchos que ficavam cercados como ranchos negros, em condições ruins, onde muitos não resistiam e acabavam morrendo.

A escravidão no Brasil foi um mal histórico que muitos pessoas se uniram em um só: portugueses tratavam negros como animais, que moravam em senzalas e tinham de pão e água, além dos castigos de chicote, das sanções, eles eram mais explorados na questão de trabalho, que na época, o lucro eram os nobres de café. Eles não trabalhavam 12 horas no dia, e quem decide disso, trabalhava 30. Geralmente os mais velhos eram escravizados, pois não tinham condições de fugir.

Os negros de origem de hoje por dia. Em relação às condições algumas foram melhoradas, já outros se foram a espera delas para que tenham 3 anos, e começam a trabalhar.

Os mulheres negros também sofriam muito com a escravidão, embora os negros de origem africanos não sofriam mais - de alma, por repulmente, para os brancos domésticos.

Eram proibidos de praticar sua religião de origem africana ou de realizar seus ritos e cultos africanos. Tinham que pagar a religião católica, apesar de falar também de origem, o falar a língua portuguesa, na comunicação, mas com todo as imposições e sanções, não deixaram a cultura africana se apagar.

A partir de meados do século XIX a escravidão no Brasil passou a ser criticada pela imprensa internacional, um artigo seu, Maria de Conceição no Brasil e o mundo, o Parlamento apressa a lei Euzébio (1850), que proibia o tráfico de escravos.

Muitos outros não foram libertados após isso, pois não se foi o dia 13 de maio de 1888 que a escravidão foi proibida. Hoje no Brasil não existe mais a lei de 13 de maio de 1888 com a promulgação da lei número 3373, feita pela presidente Dutra.

A canção do africano

Lá na úmida senzala,
Sentado na estreita sala,
Junto ao brasero, no chão,
Entoa o escravo o seu canto,
E ao cantar correm-lhe em pranto
Saudades do seu torrão...

De um lado, uma negra escrava
Os olhos no filho crava,
Que tem no colo a embalar...
É à meia voz lá responde
Ao canto, e o filhinho esconde,
Talvez pra não o escutar!
"Minha terra é lá bem longe,
Das bandas de onde o sol vem;
Esta terra é mais bonita,
Mas à outra eu quero bem!
"O sol faz lá tudo em fogo,
Faz em brasa toda a areia;
Ninguém sabe como é belo
Ver de tarde a papa-celal
"Aqueles terras tão grandes,
Tão compridas como o mar,
Com suas poucas palmeiras
Dão vontade de pensar ...
"Lá todos vivem felizes,
Todos dançam no terreiro;
A gente lá não se vende
Como aqui, só por dinheiro".
O escravo calou a fala,
Porque na úmida sala
O fogo estava a apagar;
E a escrava acabou seu canto,
Pra não acordar com o pranto
O seu filhinho a sonhar!
O escravo então foi deitar-se,
Pois tinha de levantar-se
Bem antes do sol nascer,
E se tardasse, coitado,
Teria de ser surrado,
Pois bastava escravo ser
É a cativa desgraçada
Deita seu filho, calada,
E põe-se triste a beijá-lo,
Talvez temendo que o dono
Não viesse, em meio do sono,
De seus braços arrancá-lo!



LATIFF 2006

Estroncidade e preconceito racial.

→ Condição pessoal.
 A estroncidade no Brasil, mesmo já abolida há muito tempo, reflete até hoje na população.

Refletindo de forma preconceituosa, muitos negres veem até hoje com o fato de se sentirem inferiores aos brancos.

No passado, os brancos, tem uma ideia muito errada sobre a maneira dos negres, acham que são por causa da cor ¶

"De sua pele", são filhos de mãe índia de... e isso não é verdade! Pais afrikanal, hoje em dia, muitos brancos, e com uma eterna situação financeira, fazem coisas absurdas, compararam-se a traji contes.

Os famosos "filhinhos de papai", geralmente são os que mais discriminam os negres, desprezando-os, como se eles não passassem de lixo, em certas coisas, até mesmo encadeiam os negres, com se não tivessem alma, como se fosse um simples pedaço de papel que colocamos lixo.

Os piores empregos, muitos das vezes, são dados aos negres. Em casa de "madames" geralmente os empregados são de maneira negres, ou então depois da morte da pessoa, os negres nem ficam

dentro de suas casas.

Porém para isso mudar, os próprios negros não podem se intrometer, quando alguém vive pra eles e faz o que não se passa em de leve. É principalmente de quem se oculta do fato que não faz em dia, muitos tem vergonha de sua cor, e para isso mudam os próprios de quem se oculta também.

A escravidão de negros, influência até hoje na população, não são exagerada, como do mundo inteiro. Mas muitos pessoas ainda tem o pensamento de antigamente; que o negro não se passa de um "zê" não quem", como dizem por aí.

É comum ouvirmos pessoas dizem de aqueles negritos de morro e de mais por que não se deixarem a NEGUNHOS de morro, se na morro também moram pessoas brancas!? Por que o negro é sempre culpado de tudo? Eu fiz me perguntando isso, porque eles os negros? Isso vem desde tempos passados, e na minha opinião não tem como acabar de vez com esse preconceito, mas se cada um fizer sua parte, pelo menos, os negros serão menos discriminados.

Negros também é gente também e pode. É assim vai trabalhar com dignidade e respeito.
 ... lembrou-se disso!

O trabalho da aluna 10 apresenta, na 1ª etapa, uma pesquisa sobre a escravidão que parte do motivo da escolha dos negros para o trabalho escravo, passando pelo transporte em navios negreiros e o tratamento dado a esses negros, tanto homens como também mulheres e crianças, até a lei que aboliu a escravidão no Brasil. É possível perceber que a aluna considerou importante pôr no resumo de sua

pesquisa a questão cultural como língua e religião. Para a 2ª etapa ela escolheu o poema *A canção do africano* de Castro Alves e uma pintura que retrata castigo e libertação do escravo. O poema escolhido descreve a condição vivida pelos escravos na senzala. Na 3ª etapa, o texto argumentativo da aluna mostra, já nas primeiras linhas, uma tomada de opinião quando ela afirma que o preconceito atual é reflexo da escravidão. O texto apresenta exemplos de discriminação racial que servem como argumentos e deixa bem clara sua opinião em defesa da igualdade racial. No sétimo parágrafo a aluna reforça a ideia do racismo atual vir da escravidão. Ela tenta convencer o leitor do seu texto pedindo que acabem com o preconceito e defendendo que todos são iguais. A produção argumentativa da aluna retrata a indignação dela em relação ao tratamento dado aos negros desde a escravidão. E ela conhece bem esse tratamento através da pesquisa e reflexão que fez sobre o assunto.

5.3. Trabalho produzido pela aluna 2

Introdução e Supraculdo social na Brasil!

Quando os portugueses começaram a colonização do Brasil, não usavam mão-de-obra para a realização de trabalhos manuais. Por isso, iniciaram a exploração da mão-de-obra indígena. Mas os índios, por considerarem os trabalhos pesados sem motivo, se defendiam da escravidão. Assim, os portugueses foram à África de negros nativos para submetê-los ao trabalho escravo.

No Brasil, a escravidão começou na primeira metade do século XVI, com a produção de açúcar. Os portugueses traziam os negros africanos de suas colônias na África para utilizá-los como mão-de-obra escrava nos engenhos de açúcar do Nordeste. Os comerciantes de escravos portugueses vendiam os africanos como mercadorias no Brasil. Os seus descendentes chegaram a serem o objeto de disputa nos focos e vilões.

O transporte dos escravos era feito da África para o Brasil, nos pontos de nossas regiões litorâneas, em condições

desumanas. Muitos morriam antes de chegar ao Brasil, sendo que eram por longos períodos no mar.

Por milhares de escravos queixas em nos muros, o ponto do século XVIII os escravos eram tratados da pior forma possível. Trabalhavam muito (de dia e noite), recebendo apenas pedaços de roupas e uma alimentação de péssima qualidade.

Traziam a noite no campo, que eram golpeados e amarrados com penas. Alguns eram mortos por serem fugitivos. Outros produziam e produziam seus produtos de açúcar. Outros a de religião, sendo feitos e outros africanos. Também que seguir a religião católica.

Os escravos também que odiar a língua portuguesa no conhecimento. Escravos, recebiam seus filhos nos filhos e transmitiram a cultura.

Os mulattos negros também sofriam muito, eram castigados principalmente como domésticos, mas de lá e muitos tinham que fazer ranchos com seus filhos e que deu a origem a uma grande população mulatta no Brasil.

No século XVIII, século XVIII conseguiram sempre nos libertados. Os filhos oportunistas e o pagamento da liberdade acabavam ficando os filhos para não pagar.

A Javumtra, O Playboy e O Negócio
 Kelly Key / Composição Kelly Key

Qual taxa está aí
 O levantamento e o negócio
 Juntinhos de mãos dadas
 Quando no calçado
 Da quando de repente
 Me viu um cidadão
 E perguntou: "Javumtra
 O que tá lá no seu negócio?"
 O que tá dentro dele eu
 Não tá dentro de você
 Me dá papel e caneta
 Que eu já vou lhe responder
 Meu preço é 100% e
 Me chama pra chegar
 Só pra tirar uma onda
 Playboy, vou te exulacion
 (Rapão)
 De esse eu fiz essa composição pensando
 do meu jeito
 Do playboy então é sentir os seus concei-
 tos
 Ele é exato sem!
 Um tremendo negócio
 mas não éhe feito educação e respeito!



¶

Bem, eu acho que no Brasil ainda há muitos casos de preconceito racial, as pessoas julgam muito pela cor e não pelo caráter da pessoa.

Igual quando eu estava vendo em uma revista a gerente da loja não deu um emprego para a mulher porque ela era negra, e isso não acontece só em televisão, outro dia estava passando pela rua e vi uma mulher fechando o vidro do carro, pois uma criança negra estava pedindo esmola, logo à frente vi a mesma pessoa dando esmola a uma criança branca.

As pessoas acham que porque é negro, vai roubar, vai matar... Mas os brancos muito dos vezes são os piores, estropam, matam, apesar que negros também fazem isso, mas acho que a sociedade deveria deixar de ser preconceituosa.

Os negros pensam que em parte isso é culpa do próprio negro racista dos brancos ele se culpa de coisas e isso acaba resultando em preconceito.

Se o negro deixasse para atrás aquilo que aconteceu no passado, alguns brancos fossem menos egoístas o Brasil seria um país melhor.

Diga não ao

Preconceito!

Na pesquisa sobre a escravidão, 1ª etapa, a aluna 2 ressalta o tratamento dos escravos nos navios negreiros e nas senzalas e também destaca a questão cultural com língua e manifestação religiosa. Ela encerra essa etapa afirmando que, apesar da liberdade, os negros não tiveram oportunidades de trabalho, pois a sociedade fechava as

portas para eles. Na 2ª etapa é interessante notar que a aluna não escolheu um poema sobre a escravidão e sim uma letra de música popular e atual (*A loirinha, o playboy e o negão*, de Kelly Key) que trata do preconceito racial existente na sociedade brasileira atual. As imagens escolhidas retratam a libertação dos escravos e uma negação à escravidão. Através dessa pesquisa ela consegue escrever um texto de opinião, 3ª etapa, e usar argumentos para defender sua ideia de que ainda há preconceito racial no Brasil. No último parágrafo de seu texto argumentativo a aluna expõe sua opinião sobre o que fazer para acabar com esse racismo e tenta convencer o leitor a dizer não ao preconceito.

Para avaliação do texto argumentativo dos dez alunos analisados usamos a tabela a seguir observando os seguintes aspectos:

ALUNO	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
O texto está dentro do tema proposto?	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim
Desta claro o ponto de vista?	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim
Possui opinião pessoal?	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim
Possui argumentos para defesa de opinião?	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim
Que convencer o leitor?	+	Sim	+	Sim	+	Sim	+	Sim	+	Sim
Possui introdução-desenvolvimento-conclusão?	Não	Sim	Não	Sim	Sim	Sim	Não	Não	Não	Sim
A linguagem está clara?	+	Sim	+	Sim	+	Sim	Não	Sim	Sim	Sim
Aparenta problemas de coesão?	Sim	+	Não	Não	Sim	Sim	Sim	Sim	Não	Não
Aparenta erro de ortografia?	Poucos	Poucos	Sim	Não	Poucos	Sim	Muitos	Muitos	Não	Não
Obs.:	25	35	45	Outro texto	Os parágrafos não estão bem marcados	Os parágrafos não estão bem marcados	Não há divisão dos parágrafos	Os parágrafos não estão bem marcados	O texto se transcreveu em incorreção	Outro texto

Com esta tabela avaliamos, nas primeiras cinco linhas, as características do gênero argumentativo e, nas últimas linhas, as características formais: parágrafos, coesão, ortografia etc.

Esta pesquisa nos permitiu analisar e verificar como um aluno do 9º ano do EF escreve um texto de opinião sobre um assunto polêmico, atual e dentro da realidade deles. No entanto, o trabalho ultrapassou as três etapas descritas até aqui. A 4ª etapa foi uma roda de leitura onde cada aluno expôs o que mais achou interessante na pes-

quisa feita, mostrou a imagem selecionada, leu o poema contando o motivo desta seleção e leu o texto argumentativo. Houve um pequeno debate e troca de opinião e experiências sobre o assunto. Na 5ª etapa cada aluno foi convidado a fazer, junto à professora e com sua orientação, uma análise formal do texto (correção ortográfica, gramatical, problemas de coesão e organização dos parágrafos). A 6ª etapa foi, quando necessário, uma reescrita do texto com as devidas alterações detectadas na etapa anterior.

Sobre a produção textual argumentativa dos alunos concluímos que todos escreveram dentro do tema proposto deixando claro o ponto de vista, apresentando opinião pessoal e defendendo sua ideais com bons argumentos. Nem todos se preocuparam em convencer o leitor (só 45%) e também nem todos os textos estão divididos em introdução-desenvolvimento-conclusão (só 45%). Quase todos os textos apresentam algum tipo de desvio ortográfico e de coesão. Alguns deles não estão com os parágrafos bem marcados e/ou divididos. Vale ressaltar que um dos textos apresentados, da aluna 9, se transforma numa narrativa. Para defender sua opinião a aluna exemplifica narrando um fato e não retoma à argumentação inicial. Todas essas questões foram apresentadas aos alunos na 5ª etapa.

Através deste trabalho pudemos constatar que quando o aluno é motivado a escrever, quando ele tem vontade de dizer algo, ele o faz com vontade e reflete no que escreve apresentando opiniões e sugestões.

Assim confirmamos o que diz Gerdali (2002) que para se produzir um bom texto é necessário que o aluno: *tenha o que dizer, tenha pra quem dizer e tenha razões para dizer*. O desenrolar das etapas possibilitou o aluno refletir sobre o tema e selecionar estratégias discursivas (o modo de dizer) levando em conta o *para que se escreve e para quem se escreve*.

O trabalho não colaborou apenas para o ensino da produção argumentativa, mas também para o desenvolvimento da cidadania. Os alunos puderam crescer enquanto cidadãos refletindo e debatendo sobre um assunto ainda tão real e presente na vida deles. A participação de cada aluno na roda de leitura (4ª etapa) evidenciou que o aluno gosta de sentir-se indivíduo participante da sociedade em que vive.

6. Considerações finais

Através da análise dos livros didáticos citados, observamos que grande parte deles fazem com que o aluno seja um mero repetidor de estruturas linguísticas em situações de comunicação forçadas. As ações e os temas propostos para a produção de textos são sempre sugeridos por meio de atividades que restringem a capacidade de expressão do aluno. Os livros apresentam um roteiro para ser seguido pelo professor e pelo aluno e não permitem que este seja participante ativo da construção do texto.

Notamos também que as propostas dos PCN não estão claras, como deveriam estar. A apresentação dos gêneros concomitantemente com tipos e modos textuais só facilitaria o entendimento do aluno, dando-lhes bagagem para seguirem com desenvoltura a leitura e a produção de seus próprios textos.

Na proposta aos alunos pesquisados, percebemos que eles se mostraram capazes de ler, pesquisar, refletir, escrever e debater sobre o tema. A duas primeiras etapas permitiram que o aluno tomasse conhecimento pleno do assunto para depois escrever com mais propriedade.

Concluimos assim que o processo ensino/aprendizagem de produção argumentativa no EF depende totalmente do trabalho do professor e não da 'obediência' ao roteiro dado pelos livros didáticos aprovados pelo MEC e adotados pelas escolas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAKHTIN, Mikhail. Os gêneros do discurso. In: —. *Estética da criação verbal*. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

GERALDI, J. W. Portos de passagem. . 6ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

RODRIGUES, R. H. O artigo jornalístico e o ensino da produção escrita. In: ROJO, R. (Org.) *A prática de linguagem em sala de aula: praticando os PCNs*. São Paulo, EDUC/Campinas: Mercado de Letras, 2001.

MAINGUENEAU, Dominique. Tipos e gêneros de discurso, In: *Análise de textos de comunicação*. São Paulo: Cortez, 2001.

_____. *Dicionário de análise do discurso*. São Paulo: Cortez, 2008.

DOLZ, J.; SCHNEUWLY, B. e colaboradores. *Gêneros orais e escritos na escola*. Trad. e org. ROJO, R.; CORDEIRO, G. S. Campinas: Mercado de Letras, 2004.

PARÂMETROS curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa / Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/ SEF, 1998.

SOUZA, L. V. *As proezas das crianças em textos de opinião*. Campinas: Mercado de letras, 2003. Coleção Ideias Sobre Linguagem.